

Instituto Socioambiental

fonte: JB

class.: 1. Parque 55

data: 23/5/95

pg.: 20

Lixo cobre a Floresta da Tijuca

■ Prefeito briga com o Ibama e proíbe Comlurb de limpar área

PAULA MÁIRAN

Uma batalha silenciosa entre a prefeitura e o governo federal começa a cheirar mal na Floresta da Tijuca. Frustrado com a negativa do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (Ibama) em repassar a gestão do Parque Nacional da Tijuca, o prefeito César Maia decidiu não mais garantir a limpeza da reserva de 33 mil hectares — a maior floresta urbana do mundo e uma das áreas de lazer preferidas do carioca. Há três meses os garis da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (Comlurb) não percorrem as trilhas, alamedas e recantos do parque, que inclui o Corcovado, e as lixeiras estão transbordando.

Mesmo após o término do convênio, em abril do ano passado, entre o Ibama, que administra a reserva, o Banco do Brasil (BB) e a prefeitura, a Comlurb continuou recolhendo o lixo da floresta até fevereiro último. Enquanto durou o contrato com o BB, assinado em 92, a Comlurb teve as despesas com 90 homens e quatro veículos pagas pelo banco. "Só nove meses depois, quando perdeu todas as esperanças de assumir o parque, é que o prefeito desistiu de fazer faxina na casa dos outros", disse ontem um assessor de Maia.

Ingressos — Segundo ele, os planos do prefeito incluíam a cobrança de ingressos aos visitantes da floresta. "É uma floresta lucrativa, mas que não é explorada", queixou-se o prefeito dois meses atrás, num encontro com o ministro do Meio Ambiente e Recursos Hídricos, Gustavo Krause, que veio ao Rio assinar um termo de compromisso — não concretizado — que garantiria à prefeitura a co-gestão do Corcovado e da Floresta da Tijuca. Na época, o ministro alimentou os sonhos de Maia: "Nada impede que, a longo prazo, a municipalização do parque apareça como a melhor solução", disse Krause.

Atualmente, os únicos sinais de abandono são mesmo a sujeira, que se acumula e se espalha em torno das pequenas lixeiras, e a ausência da Polícia Militar, substituída por nove vigilantes de uma firma particular (Arki) que ficam a postos nos pontos mais frequentados. Apesar do outono, a floresta da Tijuca continua florida. Num sinal de cuidado, pode-se ver que árvores e arbustos têm sido podados com regularidade. Há lixeiras da Comlurb em grande quantidade, distribuídas nas clareiras, recantos e lagos. Só que elas não mais dão conta de tantas latas, garrafas e restos de comida.

Susto — Mesmo após um domingo chuvoso, o rastro de sujeira deixado por centenas de cariocas e turistas assustou, ontem, os frequentadores diários. "Estamos chocados com tanto descaso. A culpa é do governo, mas também é das pessoas que não tomam o mínimo cuidado de guardar o lixo em sacos plásticos", lamentou o estudante Mário Pereira Filho. Ele e mais 11 colegas do 7º período do curso de Enfermagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) costumam fazer dinâmica de grupo e piquenique na floresta, pelo menos duas vezes a cada semestre.

Mas todos frisaram que sempre que deixam a reserva, levam consigo o próprio lixo. "Muita gente desiste até de fazer piquenique ou churrasco aqui, quando vê tanto lixo junto", lamentou um vigilante de serviço na praça ao lado da Capela Mayrink.